[Recensão a] Ovídio - Amores e arte de amar

Autor(es): Funari, Pedro Paulo A.

Publicado por: Annablume Clássica

URL persistente: [URI:http://hdl.handle.net/10316.2/24528](http://hdl.handle.net/10316.2/24528)

DOI: [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_11_15](http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_11_15)

Accessed : 26-Apr-2023 14:20:53

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

11

jul.2013

issn 1984-249X

REVISTA

archai

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL

ἀρχαί

archai AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL

ANNABLUME
CLASSICA

ARCHAI JOURNAL: ON THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

OVÍDIO (2011). *AMORES E ARTE DE AMAR*. TRADUÇÃO DE CARLOS ASCENDO ANDRÉ, PREFÁCIO E APÊNDICE DE PETER GREEN. SÃO PAULO, PENGUIN/CIA DAS LETRAS. 560 P.

Pedro Paulo A. Funari*

* Professor titular do Departamento de História e Coordenador do Centro de Estudos Avançados da Unicamp.

FUNARI, P. P. A. (2013). Resenha. OVÍDIO (2011) *Amores e Arte de Amar*. Tradução de Carlos Ascendo André, prefácio e apêndice de Peter Green. São Paulo, Penguin/Cia das Letras, 560 p., *Archai*, n. 11, jul-dez, p. 159-160.

A editora Companhia das Letras lançou uma série de livros, associada à Penguin, voltada para a divulgação, em formato de bolso, de obras clássicas. Essas edições contam com traduções dos originais em latim ou grego por estudiosos lusófonos e com a versão para o nosso idioma de prefácio, apêndices e notas dos estudiosos anglófonos da versão inglesa de origem. Essa iniciativa deve ser saudada, pois contribui para a maior divulgação dos autores antigos, algo já em curso em iniciativas de diversas outras casas editoriais que têm publicado, nas últimas décadas, um número crescente de obras. Isto demonstra a popularidade cada vez mais sentida da Antiguidade clássica e o interesse sempre em aumento pelos antigos.

Os *Amores e Arte de Amar* de Ovídio foram traduzidos pelo classicista coimbrão Carlos Ascendo André, com adaptação para o português brasileiro a cargo de Carlos Minchillo e com a grafia adotada no Brasil em 2009. O estudioso luso também escreveu introduções a ambas as obras, de forma a complementar o prefácio britânico original. Esta apresenta ao leitor a vida e a obra de Ovídio e o faz com posições fortes sobre os principais temas relativos ao personagem e obra. Distancia-se da interpretação difundida de um Ovídio, como outros poetas antigos, farsista literário e reforça, ao

contrário, a importância das experiências amorosas pessoais para a sua produção poética. Em seguida, reforça a interpretação política do autor, perseguido também por sua produção considerada subversiva por Augusto e seus amigos. Faltou uma revisão mais acurada da obra, na medida em que passaram lapsos (como “o *relegatio*”, quando a palavra é feminina, p. 36, ou *domnatio*, por *damnatio*, p. 423, “período helenista”, por “período helenístico”, p. 443, Varro por Varrão, p. 506). Também nas notas traduzidas do inglês há escorregões, como referir-se, à época romana, à Alemanha! O erro advém de traduzir *Germany* pelo país atual, quando o correto seria a antiga Germânia (p. 421). O leitor comum ficará perdido e uma revisão resolveria tais aporias.

Tais equívocos não aparecem no texto do classicista lusitano, claro. Ademais, as notas britânicas são longas e muito esclarecedoras (p. 395-559), enquanto as portuguesas são breves e mais circunscritas a esclarecimentos ao leitor comum. Green está preocupado em comentar e interpretar cada obra, assim como seus trechos e trocadilhos intraduzíveis, o que muito beneficia o leitor. Assim, a concisão do original latino não se consegue manter no vernáculo, ainda mais numa versão em poesia, mas Green procura, aqui e ali, mostrar como essa riqueza do latim é, ainda, recheada de sentidos que se perdem. Um exemplo bastará.

Arte de Amar, 398: *fructus abest, facies cum bona teste caret*. Traduzido por André por: Nenhum fruto se colhe quando a beleza de um rosto não tem testemunhas.

Mas, lembra Green, há duas traduções possíveis, no duplo sentido do original: “Um rosto

bonito, sem testemunhas, não obtém resultados” e “uma mulher bonita, se nunca faz sexo, não ficará grávida”!

Neste caso, são os sentidos das palavras *fructus* (fruto, resultado) e *testis* (testemunha e testículo), assim como do verbo *abest* (está presente, existe), que conformam um jogo de palavras intraduzível. Graças às notas de Green, contudo, diversos passos deste tipo são elucidados e tornam as duas mais fieis ao original.

Apesar da adaptação brasileira, a tradução mantém todo o sabor original lusitano e castiço, algo conveniente, ademais, por ser a tradução em versos. Abundam (termo recorrente na tradução) termos como “madraça”, “Canícula”, expressões no infinitivo (“a falar”), assim como o uso da segunda pessoa (“se rir, ri-te”) e das ênclises (“tornar-se-á mansa”, p. 318). Isso nos leva à questão da unidade do idioma português, pois apenas o leitor culto poderá haurir (outro termo erudito!) de forma plena o conteúdo vertido pelo coimbrão. Parece-me, contudo, que a despeito disso, traduções lusas como esta possam ser muito úteis e mesmo necessárias, até como uma contrapartida às escolhas correntes nas versões brasileiras. Estas, tampouco abandonam, muitas vezes, a linguagem erudita e mesmo cheia de neologismos etimológicos, como o faz a vertente ligada à transcrição de Haroldo de Campos. Por outro lado, pululam versões pedestres que servem a outros propósitos, não menos necessários ou válidos. Pode concluir-se, portanto, que esta nova série de clássicos deve ser muito bem recebida e que a edição de Ovídio contribui para incrementar, ainda mais, o interesse no grande poeta latino.

Recebido em abril de 2013 e aprovado em maio de 2013.